

DISCURSOS SOBRE SUJEITOS QUILOMBOLAS EM PARACATU-MG: EFEITOS DE INCLUSÃO OU EXCLUSÃO SOCIAL?¹

Hélder Sousa Santos²
Bruna Pimentel Borges

RESUMO

O presente trabalho problematiza, em termos discursivos, aspectos da imagem de sujeitos quilombolas dito incluídos no contexto da cidade de Paracatu - MG. Fazendo uso do método descritivo-interpretativo (PÊCHEUX, 1990), no caso, via batimento análise-interpretação de textos do universo paracatuense, a mídia eletrônica, sobre sujeitos quilombolas, a pesquisa ocupou-se do seguinte questionamento: como o sujeito-quilombola se constitui ou é constituído enquanto posição na (e da) historicidade mineira, em textualidades que se (o)põem a dizê-lo, publicizando “sua voz”, sua história e memória? A resposta para o questionamento trouxe-nos a compreensão de sentidos ora deslizando, ora deslocando a imagem quilombola mineira, no tocante à sua representação. Dito de um modo outro, a tentativa de falar sobre eles coloca sentidos em decalagem (afastados), sentidos que tencionam o imaginário construído como via de expressão do grupo.

Palavras chave: Descrição. Interpretação. Discurso. Quilombolas.

DISCOURSES ABOUT SUBJECTS QUILOMBOLAS IN PARACATU-MG: EFFECTS OF SOCIAL INCLUSION OR EXCLUSION?

ABSTRACT

The present work problematizes, in discursive terms, aspects of the process of establishing the image of quilombola subjects “included” in the context of the city of Paracatu/MG. Using the descriptive-interpretative method, in this case, the analysis-interpretation of texts from the Paracatu universe about quilombola subjects, the research dealt with the following question: how the quilombola subjectis constituted or is constituted as such in textualities that trysay them, publicizing “theirvoice”, their history and memory? The answer to the question brought us na under standing of meanings, sometimes sliding, sometimes displacing the quilombola image. In other words, the at tempt totalk about them put meanings in decal, meanings that intend the imaginary constructed for the purpose of representing the group.

Keywords: Description. Interpretation. Speech. Quilombolas.

¹ **Como citar este artigo:** SANTOS, H. S.; BORGES, B. P. Discursos sobre sujeitos quilombolas em Paracatu-MG: efeitos de inclusão ou exclusão social?. *ForScience*, Formiga, v. 8, n. 2, e00852, jul./dez. 2020. DOI: 10.29069/forscience.2020v8n2.e852.

² **Autor para correspondência:** Hélder Sousa Santos, e-mail: heldersousa@iftm.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho problematizou em termos discursivos - Pêcheux (1990) e leitores do autor, ORLANDI (2008) - aspectos do processo instaurador da imagem de sujeitos quilombolas dito incluídos no contexto da cidade de Paracatu – MG. Em linhas gerais, ocupou-se do seguinte questionamento: como o sujeito quilombola se constitui ou é constituído em discursos - estritamente, o virtual, na mídia eletrônica - que se (o)põem a dizê-lo, via história e memória?

Em outras palavras, conforme veremos abaixo, o lugar de escrita sobre sujeitos quilombolas é feito de tentativas (significações) que buscam ocupar um lugar que não é o seu, excluindo, por conseguinte, dali, do seu discurso, um dizer singular esperado, subjetivo; o que dá lugar à fala *scriptor* (leitor e autor de textos) que pouco aponta para o quilombo, como um todo.

O problema de pesquisa concentrou-se em saber dos efeitos de sentido - inclusão ou exclusão social? (nosso questionamento fundante) – do gesto enunciativo encarregado de vocalizar o outro; do gesto que visou incluir sujeitos no discurso suposto para todos (o discurso eletrônico, a Internet). Dali, em tese, construímos análises que mostram compreensões prováveis a respeito desse dizer do (sobre o) outro.

O objetivo norteador da pesquisa foi compreender sentidos a respeito de sujeitos quilombolas enunciados na web por redatores de Paracatu-MG. Com isso analisou-se o modo em que subjetivações são produzidas, textualizadas. Esse modo de subjetivação, em outras palavras, diz das condições de produção do dizer *sobre* o texto “de” quilombos (o que se diz? quem diz? para quem diz? por que diz?).

Problematizamos, com efeito, a tentativa *scriptor* de falar sobre os quilombolas: um gesto interpretativo que faz com que sentidos entrem em decalagem (distância não preenchida entre fatos de linguagem). Isso faz com que sentidos tencionem o imaginário construído historicamente para fins de representação do grupo quilombola paracatuense e, dali, colocamos em evidência a decalagem que esses sentidos causam. Foi feito um percurso de buscas (leituras) que servissem de argumentos prováveis a tudo isso.

A seguir, vejamos o exposto por meio de dois mo(vi)mentos, quais sejam: 1º) fundamentação teórica, que retoma conceitos, noções e teorias da Análise de discurso francesa (AD) fundada por Michel Pêcheux (1990) e 2º) análises, nas quais o olhar do leitor é exposto à questão da opacidade implicada ao discurso sobre quilombolas paracatuenses.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção do presente estudo, buscamos apresentar noções e conceitos teóricos de AD francesa. São eles: ideologia, condições de produção, formação discursiva e tópicos do método discursivo. Vejamo-los, então, na ordem.

2.1 A noção de ideologia

Por meio da análise discursiva é possível compreender como o discurso funciona, como ele produz sentidos e como são criadas as significações para o dizer sob diferentes meios, interpretações. Em outras palavras, trata-se de um efeito ideológico, já que “é no discurso que se dá o encontro entre língua e ideologia” (ORLANDI, 1999, p 46).

Para o filósofo francês Michel Pêcheux (1990), o ato de gerar significações em texto (textualizá-las) dá ao discurso o efeito de uma prática ideológica, ou seja, para o autor todo discurso parte de uma necessidade política e partidária. A esse respeito, pontua a analista de discursos ORLANDI (1999, p. 36), que ideologia é “condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”; por isso não existem sentidos sem interpretação, sem posicionamentos ideológicos. A linguagem não é algo imparcial, ela é repleta de pontos de vistas, de interpretações.

Por sua vez, a análise do discurso busca compreender que a função ideológica se constrói no meio de contextos sócio históricos (via diálogos); discursos construídos sobre sujeitos quilombolas na cidade de Paracatu-MG, por exemplo, implicam efeitos de inclusão social, ou exclusão social (perguntamo-nos)? Daí ser possível dizer, antecipadamente aqui, que ao tentar ocupar uma posição dada a outrem e dali “enunciar-se” para representá-lo discursivamente não é possível – ou melhor, não é garantia de produzir com isso o mesmo, já que a construção do dizer em um (dis)curso é-feito de sentidos a partir de meios ideológicos. Isso faz pensar na construção de um sujeito sem autenticidade, não individualizado verdadeiramente como deveria, o sujeito de direitos e deveres, sujeito à (e da) linguagem mundializada na/pela conjuntura capitalista; motivo que certamente justifica uma imagem-outra (distorcida) do quilombola (ele é pouco conhecido na cidade de Paracatu – MG).

Ademais, para Orlandi (1995, p.10) “ideologia não é ‘x’ mas o processo de produzir ‘x’”, causando assim o efeito ocultação da imagem reescrita por uma posição dada. Isso faz parecer que existe apenas uma maneira de se expressar, colocando em pauta apenas o ponto de vista do autor sobre o assunto abordado.

Althusser, retomado por Michel Pêcheux (1990), baseou-se em estudos sobre ideologia, chega a nos dizer que "a ideologia é eterna". Uma de suas principais teses era que ela, a ideologia, é uma representação retratada via imagem imaginária de indivíduos, com suas condições reais de existência; uma representação, pois, que a priori faz parecer natural enunciar-se de determinado lugar como sendo "nosso".

De maneira geral, importa dizer que o discurso, então, materializa-se no contato do ideológico com o linguístico. Ali, no interior da língua, os efeitos das contradições ideológicas se dão; daí ser possível corroborar a existência de materialidades linguísticas ideologicamente constituídas.

2.2 A noção de discurso

Discurso, antes de nada mais, é circunstância que envolve comunicação dentro de um determinado contexto, entre os interlocutores. E o que abordaremos em aqui é o papel dos discursos na produção de identidades sociais, em específico, a de quilombolas.

Quando falamos em discurso, referimo-nos à contraparte de processos materiais ideológicos, ou seja, no discurso dá-se o encontro entre língua e ideologia (ORLANDI, 1999, p 46). Compreendê-lo é perceber que o discernimento de tudo isso não é designado em um lugar próprio, mas, sim, baseado nas relações de sujeitos-e-sentidos.

É de grande importância, então, analisar os discursos baseando-se em fatos reais, já que as ideologias presentes ali são diretamente determinadas pelo contexto político-social em que vive o seu autor. Para o filósofo Foucault (1986, p.70), o discurso é o espaço em que o saber e o poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente).

Com efeito, o sentido que os discursos produzem não é fixo, devido a várias maneiras por que seu receptor pode interpretá-lo; o processo de produção/reprodução dos discursos impõem considerar que tudo ali são, assim, ideologias. A partir disso, os emissores precisam unificar a vida do seu receptor, para que assim a interpretação seja efeito de "sua" "própria ideologia", e não algo meramente produzido, já carregado de sentidos. Essa produção, a significação, é um dos princípios básicos da comunicação verbal: emissão, recepção e compreensão.

Pêcheux (1990) ensina-nos que em dados momentos de interpretação surgem tomadas de posição de sujeitos ideologicamente constituídos. Tais circunstâncias, tomadas de posição, são entendidas como gestos de interpretação, sempre marcados de ideologia, de história, de

memória. Dito de outra forma, o próprio analista de discurso não escapa ao gesto de interpretação, tudo que se fala ao descrever a linguagem possui viés ideológico. Por isso, no discurso, é preciso compreender a estrutura que nos leva a repetir interpretações ideológicas; na AD francesa considera-se que a ideologia se materializa na linguagem que é ligada à interpretação de enunciadores em uma relação histórica (já constituída).

Na percepção da AD, o sujeito é constituído tanto pela ideologia (materializada no discurso) quanto pelo inconsciente (sujeito de desejo). Em outras palavras, ele é uma posição-sujeito, movimentando entre o já-dito e o a se dizer; sua palavra é determinada pela formação discursiva na qual está inscrito. Esse sujeito tem a ilusão de ser a fonte, origem do seu discurso, quando na verdade não é, ele apenas retoma sentidos em curso. Em tese, há que ser percebido o fato de que, na constituição do sujeito do discurso, dois aspectos estão em jogo, quais sejam: o primeiro, o sujeito é social, produzido pela ideologia, mas que se diz livre, imaginariamente; o segundo é o próprio sentido, o qual está sempre se reformulando (ora deslizando, ora deslocando-se). Nesse passo, afetado por tais aspectos, o sujeito se constitui e é constituído, o sujeito (re)produz o “seu” discurso.

2.3 Formação ideológica

O conceito de formação ideológica pressupõe um conjunto complexo de atitudes e de representações – discursos em formação - que não são “individuais” nem “universais”, mas se relacionam diretamente entre si. É por meio das formações ideológicas que o homem expressa seus pensamentos e sua visão de mundo discursivamente; lembrando que o discurso é o lugar em que as formações ideológicas são feitas. Para Orlandi (1998, p.48),

[...] a ideologia não se define como o conjunto de representações, nem muito menos como ocultação de realidade. Ela é uma prática significativa; sendo necessidade da interpretação, não é consciente – ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua relação necessária, para que se signifique.

Consequentemente, um dos princípios da formação ideológica é a de determinação do lugar social em que o sujeito (se) enuncia. Ou seja, as palavras se ligam via diferentes sentidos, sob de diferentes lugares sociais dependendo da posição ideológica que ocupa o sujeito de fala. Esses sentidos, por sua vez, derivam de uma formação discursiva - um todo condominantemente de representações (PÊCHEUX, 1990), que constitui a instância material das formações ideológicas.

Pêcheux reflete que o sujeito de fala é efeito de diferentes lugares sociais e que a formação discursiva na qual se insere é diretamente afetada por contrastantes posições-sujeito que constituem modalidades da relação sujeito universal com sujeito de enunciação, do sujeito do enunciado com sujeito de formulação. “A existência do enunciado é da ordem de uma materialidade repetível, a que se dirige, segundo uma dimensão, de algum modo vertical, às condições de existência dos diferentes conjuntos significantes”. (FOUCAULT, *apud* COURTTINE, 2009, p. 141).

A formação ideológica funciona, dessa maneira, na reprodução das relações de produção, pela ou interpretação do dizer, ou pelo registro do sujeito com viés ideológico. Cada indivíduo é levado a ocupar seu lugar em certo grupo ou classe de determinada formação social por meio de sua posição ideológica, o homem não está livre das relações sociais, também não está livre das imposições impostas pela sociedade da qual é parte. Trabalhando a consciência como algo coletivo, a individualidade manifesta-se via julgamento que fazemos daquilo que ouvimos. Podemos escolher quais ideologias seguiremos, mas até nisso somos levados pelo agrupamento de vozes que formam “nossa” ideologia.

Do que foi exposto, percebemos que não há como o sujeito se furtar à formação ideológica, já que é capturado inconscientemente ali. Existem diferentes lugares de fala, trazendo sempre a voz do outro de forma aparentemente nula e inválida. É essa a estratégia que adotamos, mesmo despercebidamente, para garantir um espaço no discurso. A voz do outro aparece ali, mas vem sob a forma de simulação, apenas para firmar perspectivas, para nos fazer presentes no discurso (lugar de fala) e “calar” o outro.

2.4 Formação imaginária

Para entendermos o conceito de formação imaginária é preciso considerar que os discursos são produzidos por sujeitos formados via algum julgamento; ele, o sujeito, encontrasse em um lugar determinado, na estrutura de uma formação social. Para Michel Pêcheux (1990, p. 82), as formações imaginárias designam lugares “que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” Assim, segundo o autor, todo processo discursivo supõe a existência das seguintes formações imaginárias:

IA(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A - Quem sou eu para lhe falar assim? IA(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A - Quem é ele para que eu lhe fale assim? IB(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B - Quem sou eu para que ele me fale assim? IB(A): Imagem do lugar de A para o

sujeito colocado em B - Quem é ele para que me fale assim? (PÊCHEUX, 1990, p. 82).

Podemos afirmar, a partir disso, que as formações imaginárias não dizem respeito a sujeitos físicos e, sim, a imagens resultantes de suas projeções no discurso. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “cria” sentidos do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são significadas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. A imagem que temos de um advogado, de um médico ou de um professor, por exemplo, não surge do nada. Ela se constitui nesse confronto simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. (ORLANDI, 2009).

A Formação Imaginária é o princípio das condições de produção, abordando questões do interlocutor com a imagem, manifesta-se, no discurso, por meio de uma determinada formação ideológica, em uma situação de enunciação específica. A imagem que se tem a partir dessa formação imaginária está relacionada a representações do sujeito; representações, no caso, de sujeitos representando um importante papel (de comunicação) entre a ideologia e as formações discursivas, dando, uma explicação para a dinâmica dessas relações (ao preencher, com a comunicação cotidiana, a interação social, a construção da identidade grupal e as construções simbólicas, dentre outras questões, um espaço que é de difícil compreensão, visto que a representação feita ali é modificada no lugar de fala, causando uma imagem sem veracidade).

É possível afirmar, por conseguinte, que toda essa construção imaginária é constituída a partir de posições discursivas, o lugar de que se fala é diferente do lugar de quem é falado, criando assim uma formação imaginária, um efeito ideológico, resumindo.

2.5 Formação discursiva

O conceito de Formação Discursiva na AD francesa por Michel Foucault, pode ser entendida por elementos relacionados diretamente com as formações ideológicas. “Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc)” (PÊCHEUX, 1995, p. 160-161). O autor especifica-a por meio de duas teses:

1. [...] as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diz-se que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. 2. [...] o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 1995, p. 160-161).

Isto é, a noção de formação discursiva, possui aspecto (razão) específico como ferramenta de análise, já que serviu para Pêcheux como controle das práticas e fortalecimento da noção de condições de produção do discurso.

Em outra visão, Orlandi (2012) considera que a definição de formação discursiva seja controversa e sem consenso na análise de discurso, ainda é resumida e fundamental para esta área do conhecimento, pois permite, ao analista, três processos: (1) apreender o processo de produção de sentido por um grupo determinado; (2) explicitar a sua relação com a ideologia que a estimula e que dá sentido ao dito; e (3) estabelecer regularidades ao discurso.

De forma mais objetiva, o conceito de formação discursiva se faz a partir de uma noção fundamental na medida em que mostra a posição do sujeito falante determinado por uma situação social e histórica definida e (que não é a fonte do sentido, uma vez que este se forma exatamente em meio a essas posições sociais).

2.6 Condições de produção

O conceito de condições de produção pode ser definido pelas características básicas de um contexto interlocutivo; características acionadas por sujeitos, de forma consciente ou inconsciente, durante a formação de elaboração do texto oral ou escrito.

As condições que o produtor de textos precisa para (re)formular o dizer encontram-se em um determinado tempo, espaço e cultura, e estão, em primeira instância, relacionadas aos seguintes aspectos: conteúdo temático (assunto tratado no texto), interlocutor visado (sujeito a quem o texto se dirige, via imagem, e que pode ser conhecido ou presumido). Podemos, por exemplo, pensar o uso das categorias de pessoa, espaço e tempo, que, no discurso, não são as mesmas: quem diz "eu" no texto não é o autor, nem são seus o tempo e o espaço e sim sua ideologia que (re)produz a imagem do outro. Durante a produção não há discurso puro, neutro ou intemporal. Para a AD francesa o fato de que não há sentido sem interpretação e viceversa,

cria a presença de ideologia, já que diante de qualquer objeto simbólico o homem é instado a interpretar. Nesse mo(vi)mento de interpretação o sentido aparece como evidência, já sempre lá, naturalizado, na relação com o histórico (ORLANDI, 2009). As condições de produção são, em tese, o princípio do dizer, Formulam-se sentidos em vista de princípios tais como: quem, o quê, para quem, onde, quando se escreve; são questões que nos fazem tecer representações. Em um sentido amplo, essas condições dão conta não apenas do contexto sócio histórico da representação, mas também do imaginário criado nos discursos, do já-dito, da memória. E é a essa memória do dizer que Orlandi (2009) nomeia de interdiscurso, os discursos, na verticalidade, que nos permitem discorrer sobre o acontecimento. Esse exterior constitutivo ao dizer, responsável pelos sentidos que provêm de outro lugar, aponta para a necessidade dos movimentos parafrásticos e polissêmicos em curso nos processos de constituição e formulação de sentidos. Para exemplificar os conceitos (interdiscurso e memória discursiva), Orlandi (2006, p. 21-22) escreve o seguinte:

[...] tomemos, por exemplo, a palavra ‘amigos’. Não sabemos nem dizer o número de vezes que a palavra foi dita em diferentes circunstâncias no contexto histórico da cultura ocidental. A cada vez, ocorreu em condições de produção específicas que a fizeram significar de maneira particular. É esse conjunto de enunciações que constitui a memória da palavra amigo. Mas nós mesmos já esquecemos o como essa palavra significou em cada uma dessas enunciações. Isso mostra que não temos o controle da produção ideológica que forma em nós, sujeitos.

As palavras, enfim, parafraseando Pêcheux (1990), mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. Ou seja, as condições de produção dependem diretamente do lugar de fala do sujeito, não se é possível ter domínio completo da produção de memória. Elas são históricas, por isso não podem ser reduzidas às formações imaginárias, na medida em que abarcam.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Toda a pesquisa foi construída em consonância com o método descritivo-interpretativo (PÊCHEUX, 1990), no caso, via batimento análise interpretação (gesto de reflexão) de textos circulantes em Paracatu – MG sobre sujeitos quilombolas. Textos nos quais foi possível o contraste de sentidos (parafrasticamente) com foco em deslocamentos do mesmo constituindo modos de (se) dizer. Embasamo-nos, nesse sentido, em pressupostos teóricos discursivos, que nos permitiram analisar aspectos do material coletado na web, os efeitos de sentido implica(n)do a(o) dizer sobre o dizer.

A pergunta a que o estudo em tela ocupou em responder diz-nos o seguinte: os discursos que circulam na cidade de Paracatu-MG sobre o sujeito quilombola acarretam-lhes efeitos de inclusão ou exclusão social? Para dar-lhe resposta, construímos análises, gestos de interpretação (nossos) a partir de recortes de textos encontrados da web eletrônica (a Internet) circulantes em Paracatu-MG. Lembrando que disso decorreu nosso fazer teórico-metodológico: pensar o batimento ininterrupto entre descrição-e-interpretação de discursos.

Sendo esse nosso questionamento de pesquisa – que diz também do problema ali implicado: quilombolas paracatuenses distantes do que se diz, enuncia sobre eles, consideramos, por conseguinte, a existência de um processo ideológico discursivo construindo a formação imaginária do sujeito em questão. A escrita sobre os quilombolas é efeito de tentativas de significá-los, no discurso eletrônico, que pouco o dizem; veremos adiante. Em meio aos estudos de cunho discursivo, importa frisar, anterior a qualquer gesto analítico, que o discurso:

[...] um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam, literalmente, todas as suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento (MALDIDIER, 2003, p. 15-16).

Pêcheux (1990) ressaltava a necessidade de ruptura com o caráter essencialmente político do dizer. O discurso é a história na língua. Por tratar-se de uma materialidade linguística e histórica indissociadamente; o discurso é o observatório das relações entre língua e ideologia, é material simbólico, é janela para o estudo do funcionamento dos mecanismos de produção de sentidos, é confronto do simbólico com a ideologia (ORLANDI, 2009).

Ao analisar algumas sequências discursivas de textos da web, textos circulantes na cidade de Paracatu – MG -, fica notória dali, em vista do exposto, a rarefação do sujeito quilombola. De agora em diante, problematizamos, ancorados no conceito de formação imaginária, em estrito, e de outros de AD francesa, a projeção imagética do outro (o quilombola) constituindo o discurso sobre. Vejamos:

Sequência Discursiva n. 1:

Comunidade quilombola de São Domingos – Paracatu/MG: Moram no local aproximadamente 400 pessoas, distribuídas em 69 famílias. A maioria das casas está distribuída de forma dispersa. A água é proveniente de riachos próximos, mas está ficando poluída pela mineração existente na região. O quilombo é bastante organizado: conta com a Associação de Moradores e a Associação de Quilombolas de São Domingos. A proximidade com Paracatu facilita o acesso aos serviços públicos. Além disso, conta com a presença de agente de saúde e a visita mensal de um médico. A comunidade possui luz elétrica, telefone público e coleta de lixo pela prefeitura. A comunidade está lutando para regularizar as terras como território quilombola e

protegê-las de uma invasão iminente de seus territórios pela mineradora vizinha. O cemitério antigo, por exemplo, já está próximo das terras ocupadas pela mineradora (PARACATUNET, 2010).

Ao analisarmos o recorte do texto acima é possível identificar o quão indeciso e fragmentado são seus sentidos, que ora deslizam, ora deslocam a imagem de sujeitos quilombolas paracatuenses. Dito de um modo outro, a tentativa de falar sobre eles coloca sentidos em decalagem (afastados), sentidos que tencionam o imaginário construído historicamente para fins de representação do grupo social quilombola. É evidente a mudança de fala que o locutor tem ao tentar (re)produzir um lugar do qual não pertence, não promovendo uma relação de sujeitos paracatuenses com sujeitos quilombolas. Afinal, quem é o quilombola? Fala-se sobre ele, mas na indecisão. Ou seja, o dizer sobre o sujeito quilombola implica seu desaparecimento enquanto subjetividade que deveria ser compreendida e valorizada por leitores.

Sequência Discursiva n. 2:

Comunidade Quilombola de São Domingos [mantém viva] [cultura negra]
(PARACATUNET, 2010).

A ↓ B ↓ C ↓ D ↓ E ↓ F ↓

Comunidade Quilombola de São Domingos [guarda] [a tradição] [e a memória viva
de seu povo] (PARACATUNET, 2010).

↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
A B C D G H I

Sentidos de E deslizam. Ou seja: E suscita sentidos de fazer para o outro (direito e dever). Sentidos de G, deslizando, suscitam significações de fazer para si. Em F e H, o “mesmo” ocorre: cultura negra (F) desloca para tradição e memória viva de seu povo (H). Nisso vemos o sentido em movimento, significando-se pelo efeito de indecisão; fato que nos permite compreender que o falar sobre compreende falar de (circunstâncias e aspectos bem diferentes).

Sequência discursiva n. 3 e n.4 (contrastadas):

É o caso da pequena casa de adobe, onde dona Magna Aparecida dos Reis Souto e sua família recebem de braços abertos todos que (desejam conhecer seus costumes e histórias) (PARACATUNET, 2010).

Essa casa tem muita história. Foi aqui onde meu pai e minha mãe criaram os dez filhos. Resolvemos deixar a casa intacta e montamos um minimuseu com objetos e móveis da época para (mostrar a nossa história e como os antigos viviam)” (PARACATUNET, 2010).

Nessas outras sequências discursivas (3 e 4), ainda uma vez, podemos pensar nos sentidos em dispersão. Na sequência 3, o dizer do *scriptor*, interpelado discursivamente pela formação imaginária quilombola, ao mobilizar as palavras “desejam conhecer seus costumes e histórias” faz-nos ver uma posição sujeito suposta engajada à cultura de quilombos (“desejar” produz sentido de implicar-se). Já a sequência 4, um discurso direto, faz-nos ver que a posição sujeito quilombola significa o “mesmo” de 3 pelos sentidos mostrados nas histórias de um povo e seu viver; sequência, pois, que faz o discurso sobre quilombolas ocupar lugar contraditório com a 3.

Sequência Discursiva 5:

Dia da Consciência Negra: O dia 20 de novembro é um marco na luta pela liberdade e contra o racismo. A data foi escolhida como o dia da Consciência Negra, porque evoca o assassinato de Zumbi, o mais importante líder dos Quilombos de Palmares. Instituído em âmbito nacional em 2011, o dia é considerado feriado em mais de mil cidades brasileiras. Em Paracatu, cidade historicamente com maioria da população negra, a data passa quase despercebida. Mesmo assim, para dona Magna, o dia da Consciência Negra é importante para o povo negro de todo o país, principalmente para lembrar os problemas que os negros enfrentam na sociedade atual. “A meu ver as coisas não mudaram muito assim não. A sociedade deve muito aos negros. Não existe escravidão, mas existe muito preconceito. Vejo que tem muita pessoa racista ainda”. Memória viva e dono de uma lucidez incrível no alto de seus 104 anos, seu Aureliano Lopes dos Reis conta que a vida antigamente era melhor, principalmente pelo sossego e pela fartura de alimentos que os quintais continham. Ciente das dificuldades da atualidade, seu Aureliano relembra com certo ar saudosista os tempos de mocidade e se diz preocupado com o mundo de hoje. “Naquele tempo a vida era melhor. A vida era mais pacata e as pessoas respeitavam os outros. Hoje é mais difícil, tem muita violência, as pessoas morrem muito cedo. Mas a gente vai levando e torcendo para que um dia as coisas voltem como era antes” (PARACATUNET, 2010).

O *scriptor*, visando valorizar a cultura quilombola, apresenta o dia da consciência negra como motivo para tal. No entanto, o modo como isso é formulado, a ideologia na qual ele se inscreve, tematiza a questão colocando sentidos sob efeitos de bricolagem. Inicialmente fala-se do marco histórico da data 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), porém, a seguir, outros efeitos de sentidos surgem-nos: passa-se da ideia de importante para o povo negro o dia 20 para comentários da posição quilombola (Dona Magna) que infelizmente não lhe implicam nisso (como deveria). A voz de Dona Magna, discurso direto – a que diz da desvalorização sócio histórica do negro - entra em decalagem (distanciamento) com a do *scriptor*; aquela sim está

implicada em dizer da relevância dos quilombolas paracatuenses para um povo, mas este nem tanto. No discurso direto de Seu Aureliano há, também, o efeito bricolagem, reforçando, pois, o mesmo ato de escrita.

Sequência discursiva n. 6 e n.7 (contrastadas):

São Domingos:

[O quilombo é bastante organizado: conta com a Associação de Moradores e a Associação de Quilombolas de São Domingos]. A proximidade com Paracatu facilita o acesso aos serviços públicos. Além disso, [conta com a presença de agente de saúde e a visita mensal de um médico.] A comunidade possui luz elétrica, telefone público e coleta de lixo pela prefeitura. [A comunidade está lutando para regularizar as terras] como território quilombola e protegê-las de uma invasão iminente de seus territórios pela mineradora vizinha (PARACATUNET, 2010).

[A comunidade quilombola de São Domingos é bastante antiga,] e, provavelmente, encontra-se no local há mais de duzentos anos, quando Paracatu formou-se pela expansão da fronteira mineradora (PARACATUNET, 2010).

Na sequência 6 e 7, o *scriptor*, lançando mão de locuções adverbiais “bastante organizado” e “bastante antiga”, relaciona-se ideologicamente com a imagem de um contexto quilombola aparentemente completo. Todavia, diante da dificuldade de lidar com esses sentidos, acaba deslizando-os da discursividade construída ali e, por oposição, encaixa (outra bricolagem), a seguir, significações outras: problemas enfrentados pela comunidade, tanto estruturais como geográficos. O efeito desse desligamento de significações confirma que, mais uma vez, o discurso sobre diz pouco desses sujeitos. Sentidos, então, dispersos e indecisos prováveis, dali, confirmando essa leitura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o trajeto de análises, concluímos que os textos estudados não promovem uma relação direta do leitor com o sujeito quilombola em questão; circunstância assim fez-nos perceber a rarefação de subjetividades e o desaparecimento, infelizmente, de uma imagem que por muito tempo lutou e ainda luta por reconhecimento na história, em nosso caso, na da cidade de Paracatu-MG.

A produção de uma falsa identidade nos textos produzidos sobre quilombo(la)s rompe com significações sedimentadas historicamente e com a própria essência de grupo, coletividade; um romper que impede-(n)os de se (re)conhecer (n)o outro, e, com efeito, de publicizar uma história efetiva. Mas como foi visto anteriormente, cria-se uma imagem sem veracidade de sua existência como tal.

O objetivo do trabalho foi alcançado ao responder que textos (recentes) em circulação - via web eletrônica - suscitam um efeito de exclusão social do sujeito quilombola de sua morada, Paracatu-MG; além de apontar para uma história construída de maneira fragmentada. Ao tentar defini-lo, polariza-se o ponto de vista de quem está dizendo sobre, confirmando, pois, o problema estudado na pesquisa.

REFERÊNCIAS

COURTTINE, J.J. **Análise do discurso Político? O discurso Comunista endereçado aos Cristãos**. São Paulo: EDUFSCAR, 2009.

FOUCAULT, M. As formações discursivas in: **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

MALDIDIER, D. A Inquietação do Discurso: (Re)ler Michel Pêcheux Hoje. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez e Editora da UNICAMP, 1995.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1998.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. **Interpretação: autoria, leitura, efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, E. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. São Paulo: Pontes, 2009.

ORLANDI, E. **Terra à vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 2008b.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PARACATU.NET. **Comunidade de São Domingos - Paracatu-MG**. Disponível em: www.paracatunet.com.br. Acesso em: 18 de jun. 2019.

PARACATUNET. **Os quilombolas**. Disponível em: www.paracatunet.com.br. Acesso em: 18 de jun. 2019.

DADOS DOS AUTORES

Nome: Hélder Sousa Santos

E-mail: heldersousa@iftm.edu.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5843656575030595>

Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Patos de Minas (2002). Possui mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (2010) e doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (2016). Foi docente no ensino fundamental e médio da rede privada de ensino por dez anos. Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), onde atua em ensino, pesquisa e extensão na área de Língua Portuguesa. Tem experiência em Linguística, particularmente em Enunciação e Semântica.

Nome: Bruna Pimentel Borges

E-mail: brunapimentelborges@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8199264153788164>

Técnica em Informática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM).